



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Teltel — Lisboa — Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Conhecem os leitores a insana fúria que recentemente levou o governo a perseguir e a encarcerar, sem motivo algum justificado, os jovens sindicalistas? E' duma arbitrariedade revoltante que se trata, e não sabemos em que cabeças possa encontrar-se explicação para o procedimento das autoridades que, assim, cobardemente, descarregam o seu ódio sobre rapazes, cujo único delito é o de quererem caminhar e progredir, cujo único acto insurreccional é o de terem manifestado a sua fé num futuro em que o equilíbrio dos interesses de todos traga o sossego, o bem estar e a felicidade à imensa família humana. Pois a burguesia esfrega as mãos reosadamente perante a infâmia governamental, e vai o regosio até ao ponto de manifestar-se em editoriais pomposos nos órgãos mais fielmente prestam cultos aos interesses burgueses.

Trata-se de menores, de rapazes, de garotos — pondera o circunspeto órgão da burguesia. E os rapazes, aos menores, sempre ligando o mesmo circunspeto órgão, não cabe o direito de pensar. Estaria bem, se se não tratasse de menores, porquanto, segundo uma lei psicológica do conhecimento do órgão burguês, só se esclarece o raciocínio duma criança quando o sino jurídico badala, aos vinte e um anos completos, a toca da emancipação oficial de cada um. Aos rapazes, afinal, está reservado o direito único de trabalhar por tuta e meia na loja, na obra, no escritório ou na oficina. Trabalhar e passar fome, como é da praxe. Mas não raciocinar sobre a suprema infâmia que apresenta esta exploração da juventude pelo patronato, explorando que chega a atingir a gravidade dum assassinio em certos casos. Os menores, que insignificância! Mas eles esbafam-se por essa idade, mal saídos da escola e logo entrados na oficina, a depauperar-se, a empobrecer-se fisicamente, a deixar perder a seiva árdua fadiga do labor. Pois bem, diz o órgão burguês. Que trabalhem, mas que se não agriem, nem reuam, nem discutam, nem ponderem a amargura da situação a que uma organização típicamente os relegou. Uma excepção, apenas. Os rapazes que se reúnem para vitoriar, em gritos idiotas, os ídolos da semana, esses sim, que representam a esperança da pátria, a «garantia da restauração nacional», ou qualquer outro vistoso acontecimento que é o uso turbulento, em frases sôdas, nas colunas da imprensa aburrida. As aglomerações republi-

canas de jovens, são utilíssimas, opinam os profíscos que o capitalismo assolda. Juventudes sindicalistas é que se não admite. São colectividades perturbadoras, de agitação e desordem, de tumulto e dissolução social. Assim, pelo menos, as pinta o órgão burguês.

Sabem vocês quanta parcialidade e quanta insidia há na fala aparentemente grave e ponderada do jornal burguês. As Juventudes Sindicalistas, tem um fim determinado e uma utilidade comprovada, pois no seu seio se prepara a mocidade para as lutas emancipadoras e se apetrecha das armas convenientes ao triunfo. As armas de que espécie? Instrução social e educação social. As Juventudes Sindicalistas são uma escola, e podem tornar-se uma Universidade para a mocidade proletária. Essa escola almeja poder ensinar aos moços trabalhadores que a frequentam toda a engrenagem em que a felicidade dos homens é esmagada, habilitando-os concomitantemente para a compreensão e assimilação das novas fórmulas visionadas. Há nessa escola um professor: é o estudo, a observação, as conclusões a que chegaram os mais velhos, as gerações passadas, que mourejaram outrora, como nós hoje mourejam, em proveito alheio. Segue-se nessa escola o método experimental, pois, quando lá se fala na exploração burguesa, cada um dos alunos pode verificar *à son gré* a existência real dessa exploração, tateando o estômago vazio ou palpando os músculos doridos mercê do *surmenage* oficial.

Estas lições, que cada jovem aprende à sua custa, determinam a revolta, não há dúvida. Mas não é essa revolta menos digna de apreciação ou menos assistida de razão por serem rapazes os que a sentem. Os rapazes emancipam-se moralmente quando o trabalho é sua regra de vida, e não de outra emancipação deles necessitam. O trabalho superiorizou sempre quem o exerce em presença de um nefasto parasita. Rapazes, os da Juventude Sindicalista... São-no, de feito, moços todos eles, mas todos eles com as mãos afeionadas já à ferramenta, com a ossatura já meio delida pelo trabalho. Esta circunstância lhes dá o direito de fitarem os olhos na iniquidade que os cerca. O órgão burguês entende que a rapazes não pode reconhecer-se a competência para uma análise social. E' que o órgão esquece-se de que corre mais uma lebre de um ano do que um deputado de trinta e cinco...

E já não pode articular distintamente uma palavra. Os defensores, que lhe quiseram falar, não puderam ter com ele uma conversação seguida. Afirma-se que o médico da prisão fará um relatório ao serviço penitenciário a respeito do estado do condenado. — H.

Na Itália

E' adiada a convocação da Câmara

ROMA, 22. — A convocação da câmara foi adiada para o dia 27 do corrente, para satisfazer os desejos do rei. O sr. Nitti convocou para o palácio real os presidentes da câmara e do senado, os antigos presidentes de conselho, os chefes dos partidos políticos e os chefes do exército e da marinha, a fim de com eles conferenciar sobre a situação política. — H.

Um violento ciclone

PAGGIODICALABRIA, 23. — Nanote de 22 um ciclone atravessou a região de Palmi, ficando algumas casas destruídas e havendo 9 mortos e alguns feridos. Há outros prejuízos e estão interrompidas as comunicações. Foram enviados socorros. — H.

Na Alemanha

Está iminente a Revolução Social na Westphalia

ZURICH, 20. — Atrazado. — O partido comunista da Westphalia está preparando a revolução a favor da autonomia. O movimento será iniciado por uma greve geral. As guardas vermelhas serão constituídas e dirigidas por bolchevistas russos.

Trabalhadores lede e propagai a BATALHA

OS FORÇADOS

Os Ferroviários

O GUARDA DA LINHA

Abandonada ao longo da via férrea, batida pela poeira da azinhaga que lhe corre ao lado, até perder-se em declive numa curva, a barraca do guarda da cancela, encravada nuns tapumes negros e nuns muros esburacados, parece desfiar a tristeza do seu abandono com uma guarita fronteiria, sobre um talude de erva, meio tombado, como se, mais fragueta, não resistisse à melancolia que flutua naquelas paragens desoladoras.

O guarda, um velhote atarracado, queimado do sol, o rosto enrugado como uma ameixa, já ali faz serviço há uns bons vinte anos, repartindo com a cara metade, uma velhota rija, que ainda racha lenha, como nos bons tempos em que o marido não sofria do maldito reumatismo. Ela é que lhe valia, na época dos achaques, porque era robusta, era mesmo valente.

Quando o pequerrucho, que enchia a barraca com os seus gritos, a sua alegria, as suas cabriolas, foi parar de encolher no tapume com a pancada do comboio que o matou, era ela que, nos primeiros tempos vinha fazer os sinais; era ela que vinha assistir à passagem daquela massa negra, que já uma vez vira com a frente ensanguentada, enquanto ele ficava na barraca, como doido sem poder vir cá fora ver a cor-



...O comboio passava como um ciclone, como um raio, tropejando, silvando, desaparecendo a todo o vapor

rida olegante do comboio, aquele assassino. Pedira, pedira muito, para mudar de barraca, mas a transferência nunca mais veio. Os que resolviam isso, ficavam lá muito longe, na cidade, podiam lá lembrar-se dele, perdido, abandonado naquele ermo!

A mulher animava-o. Ele, afinal, não poderia deixar de ver o comboio, e todas as barracas eram o mesmo.

Todas elas eram umas capoeiras com uma janelinha para traz, armadas com umas tábuas que pareciam ser surripadas dos tapumes contíguos e acachapadas sobre os remendos sobrepostos, feitos com chaparia de latas velhas, amachuçadas.

E lá se foi conformando, lá foi ficando até se habituar, perdido na solidão, abandonado, como um condenado, do convívio que lhe ajudasse a dissipar a mágoa da morte do pequerrucho, mágoa que se obstinava em não o largar, tenaz anquiladora, como um remorso.

Os mais tinham galinhas, entretinham-se com elas algumas tardes, punham-lhes nomes, falavam-lhes, diziam-lhes coisas a elas e ao vento. Ele acabara com isso, já as tivera também, e bem bonitas, por sinal. Mas não queria mais. Se não fora uma delas fugir para a linha, não ficaria sem o seu filho. E a vida decorria-lhe assim, monotona, igual, regulada pelo toque da campainha eléctrica e da sineta.

As suas distrações eram as couves que se espelhavam, folhudas, num pedaço de terra que corria em volta; e o comboio, o toque de apito, aquele estruço cortando os ares, que lhe trazia recordações longínquas, nem ele sabia donde. Habitava-se àquela rotina, e quando não ouvia um bocado aquele barulhar formidável, aquele grito de vida, como um coro das vidas que levava dentro, sentia-se inquieto.

O comboio representava para ele uma visita. Quando um passava, como uma tromba, que ele podia olhar para dentro e via rapidamente aquelas fiadas de cabeças comprimidas, acenava-lhes com a mão; às vezes respondiam-lhe e ele ficava por momentos alegre, contagiado dessa alegria do movimento, do ruído, da vida.

Mas aquilo era rápido. O comboio passava como um ciclone, como um raio, tropejando, silvando, desaparecendo a todo o vapor, arrastando aquela onda humana, como que fugindo alucinado, daquela solidão maldita. Via-o sumir-se ao longe numa curva, e sentia-se, muito só, e ficava-se de lanterna na mão, hirtito, firme no seu posto, até que bruscamente ia, a correr, abrir a cancela a uma burricada de saloios, que entravam ainda a barafustar. Ainda se depois paravam um bocado! Mas os malditos desandavam logo, resmungando, e então recolhia à barraca, acanhada, atarracada com os utensílios de quarto e de cozinha, e que, visto de

fora era uma mancha negra, salpicando a amarelidão de terrenos incultos, de colinas escavadas, que se prolongavam indefinidamente, num abandono conflagrador.

Ali comia, ali dormitava, ali envelhecia com a companheira, que, por mais cansaças que tivesse, nunca conseguia tirar à barraca, o aspecto de um quarto armado numa cozinha, com toda a confusão inerente a este desaninho.

Das paredes e tecto, queimado da fumaça da lenha, que lhes coze as couves e os acoques de inverno, pende, preta por pregos, uma misturada de roupas, tachos, frigideiras, panelas e a corneta de sinais. No chão a mesma confusão. Lenha ao pé de colchões, uma bilha em cima de uma mala e uma cela de lavar a roupa, junto a um fogareiro.

De inverno, então, é uma lástima. O vento sacode as tábuas da barraca, leva pelos ares os remendos do telhado e apaga o lume, penetrando as luídas, quando o refinar da campainha, chamando-o a fechar as cancelas, o faz abrir a porta sob a tempestade medonha que arraza tudo.

Às vezes quem lhe vale é ainda a mulher. Quando é assim, para que ele descanse e se não constipe, naquelas fu-

NA RÚSSIA VERMELHA

O Exército Vermelho avança em todo o front noroeste

REVAL, 21. — O exército bolchevista, composto de 75.000 homens, ataca em todo o front da Rússia do noroeste.

Rompem as linhas perto de Gdoff e está iminente a sua entrada nesta cidade, que é o único lugar importante da Rússia.

Milhares de refugiados de Pskoff e de outras aldeias foram feitos prisioneiros, ontem e hoje, pelos bolchevistas na sua marcha sobre Gdoff. Se esta cidade for tomada é provável que os habitantes não possam escapar.

Gdoff é o ponto mais importante do abastecimento do exército russo do noroeste.

Os bolchevistas entraram no noroeste da Rússia, em latentezen, e outros pontos, de onde os camponeses fugiram aterrorizados.

O exército russo do noroeste começou um avanço dois dias antes a fim de tomar Jambony e Luga e evacuar Pskoff. Este avanço rapidamente se transformou em retirada geral.

As últimas informações vindas do front dizem que os bolchevistas avançavam na direcção de Narva, a fim de cortar a retirada ao exército russo do noroeste, que havia conseguido escapar-se.

Emquanto o exército vermelho avançava assim, as negociações do armistício com a Estónia iam-se entabulando.

Os telegramas datados de 13, vindos de Helsingsfors, dizem que o exército de noroeste se tinha apoderado de Jambour. Mas este avanço depressa se tornou em retirada e agora Jambour está nas mãos dos bolchevistas (*Chicago Tribune*).

No front de Arkangel

STOCKHOLMO, 20. — Segundo informações provenientes de Arkangel, parece poder concluir-se que, apesar dos sucessos locais alcançados pelo general Miller, é difícil afirmar que a situação não tenha piorado depois da partida dos ingleses. No entanto esta situação não pode considerar-se desesperada se os governos da Entente, cumprindo as atribuições, enviarem aos pequenos destacamentos do general Miller víveres e munições.

Em Tobolsk

STOCKHOLMO, 20. — Anuncia-se no *Stockholms Tidning* que os franceses tomaram Tobolsk e marcham sobre Omsk.

Declarações do encarregado dos negócios ingleses

ZURICH, 21. — O *Berliner Borsen Courier* comunica de Helsingsfors que o encarregado dos negócios ingleses fez ao representante do *Helsingfors Samfund* as seguintes declarações:

«A Inglaterra não intervirá contra os bolchevistas por diversas razões: a fadiga do exército e a desaprovação que este projecto produziu em certos partidos políticos, são as principais. A evacuação das tropas inglesas começou em Mourman e em Arkangel. Nos meios governamentais de Inglaterra, sustentase que é necessário estabelecer relações com a Rússia e evitar toda a intervenção militar. Não se acredita na queda próxima de Petrogrado.»

As atrocidades do bloqueio da Rússia

O socialista sueco Hoglund telegrafa de Estocolmo a *La Vie Ouvrière*, de Paris:

«Centenas de famílias operárias da Suécia estão dispostas a receber em casa crianças da Rússia dos Soviéticos. A Cruz Vermelha sueca consentia em as ajudar enviando um navio a Petrogrado para trazer as crianças. O governo sueco dera o seu consentimento.

Hoje, o ministério dos estrangeiros avisa-nos de que as autoridades inglesas se opõem ao envio dum navio a Petrogrado, por causa do bloqueio.

«Uma delegação da Federação Metalúrgica visitou o ministério, insistindo com ele pelo restabelecimento das relações com a Rússia dos Soviéticos, a fim de sustentar a crescente desocupação na Suécia.

«O ministério respondeu que, se o governo sueco tentasse fazer escoltar navios mercantes por barcos de guerra, isso levaria fatalmente à guerra com os Aliados. Em vista do bloqueio, ajudou-lhe, parece ser impossível mandar um barco a Petrogrado.»

Como se vê, os «boches» continuam as suas façanhas, as suas violações do direito, os seus monstruosos abusos de força.

«Mas que é feito da antiga indignação da imprensa?»

A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração pela qual todos os proletários devem interessar-se.

bito um silvo longínquo, um estrépido abafado, depois um trovão mais forte, dois focos luminosos, uma mancha negra, alargando, alargando... e o ar estremece, sacudido por formidáveis explosões. São os petardos. E' o aviso. Viram a luz. Está salvo o comboio. Agora o guarda da linha regressa no fúrio, vagorosamente, sondando a linha.

Depois, lá volta à barraca, ao presídio, à solidão a vigiar a linha, a segurança dos que passam por ela a fugir, sem o verem às vezes em grandes pandegas, espalhando acordes de violas, guitarras, risos, enquanto ele fica ali sempre, perdido, abandonado esquecido...

Eduardo FRIAS

O CONGRESSO DAS TRADE-UNIONS INGLESAS

A vitória da acção directa — Contra a intervenção na Rússia — A nacionalização das minas — A importância do acontecimento

O Congresso operário britânico de Glasgow, recentemente celebrado, constituiu um grande acontecimento mundial, marcando época no movimento trade-unionista, que é enfim agitado por grandes correntes de ideias e vontades novas.

Convém dizer que nestes congressos anuais do operariado britânico tomam parte todas as *trade-unions* (unions de ofício), mesmo aquelas que não pertencem à *General Federation of Trade Unions*, a qual só agrupa uma quarta parte das suas associações de classe do Reino Unido. O congresso anual e a «comissão parlamentar» que nele é eleita, para representar o proletariado organizado ante o Governo e o Parlamento, são os únicos laços federativos que ligam a generalidade das unions corporativas das Ilhas Britânicas.

Este ano, o Congresso contava cinco milhões de aderentes, e foi nele que, travada a batalha entre o velho corporativismo e o espírito novo, sindicalista e revolucionário, coube à este a mais completa vitória. Este facto, que marca uma profunda mudança de fática e orientação no movimento operário inglês, é de mais alta significação e importância mundial, dado o lugar que a Inglaterra ocupa actualmente na política internacional.

O talentoso e infatigável militante dos mineiros, Robert Smillie, caiu a fundo sobre a acção da «comissão parlamentar» e as suas medidas dilatorias, destinadas a entravar a acção operária e a cobrir o governo e a burguesia, sobretudo na questão capital do momento: a intervenção na Rússia.

Para Smillie é este hoje o problema mais importante para a classe operária. Os capitalistas, já enriquecidos pela guerra, procuram ainda explorar as imensas riquezas materiais da Rússia e Sibéria, não certamente em benefício do proletariado, muito menos em vantagem do operariado britânico. E' preciso salvar a Revolução russa e o que custar, é preciso impedir a intervenção do capitalismo na vida interna da Rússia. «O dever da nação é fazer tudo para derrubar o governo».

Em suma, a sua moção, rejeitando o relatório da «Comissão Parlamentar», foi aprovada por 2.585.000 votos contra 1.870.000, contando-se a cada mandato tantos votos quantos os operários que ele representa.

Em vão os velhos reformistas, Bruning e Clynes, supondo que se tratava dum malentendido, quiseram pôr os pontos nos *i*: «Olhai lá que o que vos pedem é a adopção da acção directa para fins extra-corporativos». A preciosa explicação só serviu para tornar mais clara e insólita a vitória dos novos elementos de vida.

Os reformistas não queriam acreditar no que viam. Ou lhes tinham trocado as suas ovelhas ou elas não tinham compreendido o alcance do seu acto.

E a sua moção, que nitidamente se opunha à acção directa industrial operária nas questões de carácter político, foi repelida por 2.250.000 votos contra

208.600. O Congresso sabia, pois, muito bem o que tinha feito.

A votação sobre a questão mineira, aliás confirma também a orientação do Congresso.

«Foi igualmente aprovada com efeito, outra moção Smillie em favor da nacionalização das minas, moção que se pode resumir do modo seguinte: 1.º condena as propostas feitas pelo Governo para o regime futuro das minas; 2.º incita o Congresso a solidarizar-se com os mineiros na sua luta contra o Governo; 3.º incita a Comissão parlamentar do Congresso e a Federação dos Mineiros a mandarem imediatamente uma delegação ao Primeiro Ministro, para reclamar, em nome do partido trabalhista inteiro, a adopção do relatório Sankey sobre a nacionalização, 4.º se o Governo recusar, reunir-se há um Congresso extraordinário para resolver sobre as medidas a tomar para lhe vencer a resistência.

Na opinião do congressista Thomas, militante ferroviário, que apoiou calorosamente a moção Smillie, o Governo recusará e dentro de três meses terá que se realizar o Congresso especial.

Escusado será acentuar a enorme impressão causada por este Congresso em todos os ambientes operários ou burgueses.

Para o operariado de todos os países, este acontecimento é da maior importância, repetimos.

A vitória dos sindicalistas ingleses vem dar novo alento e novas esperanças ao proletariado em vias de emancipação — aquele que espera ainda, ansiosamente, a sua hora, e aquele que luta gloriosamente, com as armas na mão, para defender e alargar as suas liberdades já conquistadas e as suas possibilidades de bem estar. Na Rússia, a vitória dos vermelhos britânicos deve ter sido saudada como um dos melhores triunfos sobre as hordas negras de Kolchak ou Denikin.

Quanto à burguesia, não oculta a sua preocupação. Assim, a imprensa inglesa, na sua maioria, pede ao Governo que consulte a nação, «a qual sem dúvida rejeitará a acção directa com o seu sufrágio».

Olhai o milagre... de Santa Urnal! Como se não fosse sabido que o Governo obtém sempre do títido democrático um infalível «sim», ao puxar-lhe pelos cordelinhos do sufrágio político!

Como se a massa amorfa dos electores, dos p-queiros burgueses, dos elementos heterogêneos e pecoris, dos infelizes tímidos, que tremem ante qualquer mudança, mas acatam qualquer facto consumado e aclamam qualquer triunfo, como se o voto dessa massa, manejada pelo poder, houvesse de prevalecer contra a vontade consciente das classes organizadas!

Não; o democrático faliu. E o sindicalismo não combate — nem se combate — nesse terreno. O voto que a imprensa inglesa pede não responderia à questão. A ficção democrática deixaria tudo no mesmo pé.

Na sede da C. G. T.

UMA IMPOSANTE SESSÃO DE PROTESTO

Os operários conscientes afirmam a sua solidariedade para com os jovens sindicalistas presos

Vários organismos operários continuam protestando contra a violência governamental

A sessão da União das Juventudes Sindicalistas

A convite da União das Juventudes Sindicalistas em Portugal, devia o nosso camarada José Maria Gonçalves realizar ontem uma conferência sobre a necessidade das Juventudes Sindicalistas. Porém, devido ao seu estado de saúde, acabou a sessão, pelo que a União das Juventudes deliberou celebrar uma sessão de protesto contra as perseguições governamentais.

Assim, pelas 21 horas, correspondendo à notícia publicada pela *Batalha*, estava a sede da Confederação Geral do Trabalho, cheia de operários, predominantemente das diversas juventudes existente em Lisboa. Pouco depois abriu a sessão, presidindo, Carlos Vicente, secretário por dois camadas da União das Juventudes. Usaram da palavra Joaquim Cardoso, Vítor Martins, João de Deus Simões, Manuel Pedrosa, pela União das Juventudes Sindicalistas, e António Marvão pelo Núcleo da Juventude Sindicalista da Indústria Móvel, sendo um animado e verberante a violência cometida pelo governo, encerrando algumas dezenas de jovens proletários nos calabouços imundos do governo civil e no forte de Monsanto.

A sessão terminou pelas 23 horas, tendo sido aprovada unanimemente, a seguinte moção:

Considerando que o mais digno governo desta democrática República, está no firme propósito de perseguir as Juventudes Sindicalistas; considerando que o esmagamento das Juventudes Sindicalistas irá prejudicar a causa da revolução social e da organização operária; considerando ainda que a União das Juventudes Sindicalistas em Portugal está completamente identificada com as libertações da Juventude Sindicalista de 1.º Bairro; os operários reunidos em assembleia magna resolvem: que a U. J. S. em Portugal, mais uma vez afirme ao actual governo, que, através de tudo, prosseguirá a luta pela emancipação dos trabalhadores.

Durante a sessão, foi recebida a seguinte carta dos jovens sindicalistas presos no forte de Monsanto:

Nós, os jovens sindicalistas presos no forte de Monsanto, saudamos os operários reunidos em sessão de protesto e apelamos para todos os trabalhadores para que nos enviem recursos materiais. Já formamos uma Comuna, que tem dado óptimos resultados. Protestamos energicamente contra as prisões arbitrárias de outros camaradas.

Dispersando a numerosa assembleia por entre vivas à Confederação Geral do Trabalho, à União das Juventudes Sindicalistas, ao Sindicalismo Revolucionário e à Revolução Russa. O lino *A Batalha* e *A Internacional* foram cantados entusiasticamente.

No final da sessão abriu-se uma questão a favor dos jovens sindicalistas presos, que rendeu 5835. Foi aberta uma outra subscrição a favor de um ex-daportado, que produziu 3510.

O julgamento dos presos

Segundo declarou o director da polícia de segurança do Estado a uma comissão que o procurou, os jovens operários presos no domingo devem ser enviados até amanhã, para o tribunal, começando imediatamente a ser julgados.

Nenhum operário consciente deve faltar a esses julgamentos, a fim de que os trabalhadores sejam severos fiscais da justiça burguesa.

Um gesto activo

Os jovens camaradas presos no forte de Monsanto e no governo civil, comunicam-nos que, no caso de serem enviados ao tribunal, não aceitarão fiança, pois querem ir perante os juizes afirmar as suas convicções e ver como a burguesia faz justiça.

E' um gesto activo que com prazeres registamos nestas colunas, pois demonstra que a mocidade operária não hesita

Agrava-se a questão de Fiume

Pronunciamento do exército e da marinha — Está iminente a greve geral

ROMA, 23. — Segundo a *«Epoca»*, diz-se hoje, nos corredores da câmara, que, além do pronunciamento do exército e da marinha, havia a ameaça de greve geral, como protesto contra os acontecimentos de Fiume, greve em que tomarão parte os ferroviários. — H.

Uma proclamação do chauvinista d'Annunzio

MILÃO, 19. — Atrazado. — O governo de Fiume enviou ao povo uma proclamação em que se diz:

«O espírito da Itália venceu a opressão e os insultos das tropas. Os italianos de Garibaldi ouviram os brados de desespero de Fiume. Haja almas ardentes e vontades como espadas. Incitai os nossos irmãos a propagar a nossa fé por toda a terra italiana. Confiamos no apoio unânime do povo, e pedimos-lhes que na igreja, na praça pública, em todas as casas reze pelos mortos para que os ajudem».

Termina dizendo: «A Itália hoje é Fiume! A dignidade da Itália é Fiume!»

O processo Lenoir

Lenoir está moribundo

PARIS, 22. — Pedro Lenoir está cada vez mais fraco e abatido; está sempre delirando, com febre a escorrer em suor

Banco Colonial Português
LISBOA — Rua Aurea, 175 a 191

Chamada da 4.^a prestação do capital

São por êste meio avisados os srs. acionistas que o pagamento da 4.^a prestação de 20 010 ou sejam 20\$00 esc. por acção, deverá ser efectuado nos dias 22 a 29, inclusive, do corrente mês, em Lisboa na sede do Banco e no Pôrto em casa dos srs. Pinto & Sotto Mayor, agentes do mesmo Banco.

Lisboa, 19 de Setembro de 1919.

Pelo Banco Colonial Português
O Director
(a) Henrique Ferreira
O Gerente
(a) E. A. Borde

(500)

MAQUINAS DE ESCRIVER

Unica officina no pais devidamente montada para
as suas reparações e reconstruções

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES
(Esquina da Rua do Mundo)

583 **TELEPHONE — 3:066-C.**

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes
Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de
Novembro de 1894

OURO!!!
Mais barato e não
—se paga feito— *Só milagre!!!*

Horário dos comboios

7.º aditamento ao cartaz-horário D 151

Prevê-se o público de que, no próximo dia 14, iniciará, com o serviço de comboios nas linhas desta Companhia, o anúncio ao cartaz-horário D 151 de 2 de Abril de 1919 e nos seus aditamentos, com as seguintes modificações:

Linha de Leste—Comboio n.º 5—De Lisboa-Rocio a Entroncamento—Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 2—De Entroncamento a Lisboa-Rocio—Começa a circular no dia 16.

Linha de Leste e ramal de Cáceres—Comboio n.º 102—De Valência a Alcantara a

Entroncamento—Começa a circular no dia 16. Comboio n.º 105—De Entroncamento a Valência de Alcântara—Começa a circular no dia 15. Comboio n.º 121—De Abrantes a Badajoz—Começa a circular no dia 16. Comboio n.º 120—De Badajoz a Abrantes—Começa a circular no dia 15.

Linha da Beira Baixa—Comboio n.º 162—De Évora de Entroncamento, Comboio n.º 165—De Entroncamento a Guarda. Começam a circular no dia 15.

Tramways da linha de Cintra—Comboio n.º 1301—De Lisboa para Cintra—Começa a circular na noite de 14 para 15. Comboio n.º 1500—De Lisboa-Rocio a Sintra—Começa a circular no dia 16. Comboios nos 1310 e 1518—De Sintra a Lisboa—Rocio a Sintra—Começa a circular no dia 14. Comboio n.º 1302—De Sintra a Lisboa-Rocio—Modificação a 24 de março.

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tramways da linha de Sintra-Comboio n.º 1302, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes—Sintra, partidas, d. 10; Algueirão (apend.), 6-17; Mercês (apend.), 6-21; Rio de Mouro (apend.), 6-24; Cacém, 6-32; Barcelina (apend.), 6-37; Queluz, 6-35; Amadora, 6-38; Damão (ap.), 6-42; Bemfica, 6-50; S. Domingos (ap.), 6-59; Cruz da Pedra (apend.), 7-41; Campolide, 7-49; Lisboa-Rio de Mouro, 7-50.

Notas importantes.—Os comboios regulares de mercadorias, anunciados no cartaz 151, não têm a duração limitada, sendo como suplementares, quando, por isso, de fazer serviço de passageiros, com excepção, apenas, dos comboios n.ºs 2263 e 2264, que são de duração limitada.

Para fazer serviço de passageiros de 3.ª classe no percurso entre Alfaiões e Gaia, a 2.ª edição

Comp. Camicem de Ferro Portland
Sociedade anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894
AVISO AO PÚBLICO

2.ª aditamento à tarifa especial n.º 14—Para qual velocidade.—Estacionamento de vagões postos pelos expedidores a disposição do Caminho de Ferro de Portugal.

A partir do dia 1.º de Janeiro de 1912, os preços da tarifa especial n.º 14 de P. V. em applicação desde 20 de Janeiro de 1912 ficam substituída pelo seguinte:

ento (publicado em 4 do corrente) ao cartaz-horário D 151 acima citado.—Lisboa, 1 de Setembro de 1919.—O Director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Tinta "ALABASTINE"

A melhor para pintar paredes
Secca em 24 horas

Esta maravilhosa invenção americana só se prepara com água fria, ficando muito mais económica que qualquer outra. Depositário e representante exclusivo em Portugal e colónias (1587)

Luis Alberto de Pinho

a) Vagões carregados, 850 por vagão e período indivisível de 24 horas; b) Vagões vazios, 410 por vagão e período indivisível de 24 horas.

Em tudo quanto não seja contrário ao disposto no presente, ficam em vigor as condições da 1.ª e 2.ª espécies da D. 151 de 1918, bem como do seu aditamento.

Lisboa, 3 de Setembro de 1919.—O Director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura do sifilis e de todas as doenças que derivam da mesma doença. A cura da pessoa se faz com a planta. Tratamento de todas as doenças por sifilis.

Calçada do Carmo, 25, sobreloja **serv. Paço, 600 rda. Travessa da Oliveira, 29**
res-do-abão, direito, à Estrela.

Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais

Para o fornecimento dos materiais abaixo designados, o C. A. C. B. S. recebe propostas, em carta fechada, até às 14 horas, de 1 de outubro, p. f., na sede, Rua do Arco do Cego, 54-A.

Madeira de pinho	18	peças de pinho de	5,20	x	9,22	x	0,22
	9	" " " "	9,00	x	0,22	x	0,22
	18	" " " "	10,75	x	0,18	x	0,08
	44	" " " "	8,50	x	0,18	x	0,08
	18	" " " "	9,60	x	0,18	x	0,08
	18	" " " "	7,50	x	0,18	x	0,08
	18	" " " "	5,20	x	0,16	x	0,08
	50	" " " "	2,50	x	0,16	x	0,08
	18	" " " "	3,40	x	0,16	x	0,08
	18	" " " "	2,00	x	0,16	x	0,08
	16	" " " "	5,50	x	0,16	x	0,08
140	" " " "	6,80	x	0,09	x	0,06	
140	" " " "	4,80	x	0,09	x	0,06	

Esta madeira são de quina viva, com a tolerância de dois centímetros de costaneiro em duas das suas arestas.

2.000 metros de carril 0,065 aço.
20 wagonetas c/ caixa de balanço.
300 pás de bico n.º 3.
100 enxadas de gavião.
50 " rasas.
300 picaretas.
100 quilos de prego de 8" N 3.
250 " " " " 6" " 5.
300 " " " " 5" " 6.
500 " " " " telhado N 7.
500 " " " " 1/2 telhado N 8.
500 " " " " Q N 9

300	"	"	12 G N 10.
200	"	"	S N 11.
150	"	"	fasquiados N 13.

Estes materiais serão colocados no Bairro Social da Ajuda, por conta dos fornecedores que indicarão nas suas propostas os prazos da entrega.

A abertura das propostas far-se-á na presença dos concorrentes, no dia e hora acima indicado.

Pelo Conselho
O vogal de serviço
Alfredo Franco

18

Relatório da Comissão Administrativa da U. O. N. (2.ª Secção), apresentado ao II Congresso Operário Nacional

CAMARADAS:

Cumprindo com o disposto no art. 15.º dos estatutos da União Operária Nacional, vem esta Comissão Administrativa submeter à apreciação do II Congresso Operário Nacional, o relatório dos seus trabalhos que mais revelam o grau de vitalidade moral e financeira, desde o seu início até à data em que nos encontramos aqui reunidos.

O Congresso facilmente verificará, pelo decorrer da leitura deste documento, que os trabalhos de organização sindical, não são de molde a satisfazer os desejos daqueles que ardente e sinceramente desejavam constatar uma mais larga e robusta organização que a que actualmente existe, apesar dos inúmeros sacrifícios nesse sentido dispendidos. Mas, contrastando com esta importante deficiência, outro tanto não sucede com o que respeita à propaganda, que quasi constantemente, e em harmonia com os elementos de que dispunhamos, se desenvolveu em grande número de localidades, no sentido de tornar o mais possível conhecidos os princípios sindicais e de emancipação humana, bem como para fortalecer os organismos sindicais existentes.

Se é certo que ainda se nota uma deplorável fraqueza em diversos núcleos sindicais, a culpa só cabe aos sindicatos que deram provas de pouco respeito pelos compromissos contraídos para com esta União, na falta de pontualidade com as suas cotas, facto que muito contribuiu para se não pôrem, planos de propaganda e organização, em execução, visto que, sem dinheiro, nada se pode fazer! Também foi isto devido à falta de cumprimento das resoluções tomadas na Conferência Operária Nacional, por parte de muitas associações, que pela voz dos seus delegados, ali votaram a *Tese de Organização*, e que apesar dos repetidos convites para nomearem os seus delegados a esta secção, conservaram-se sempre abstrahidos no mais completo indiferentismo, mostrando, destarte, consciente ou inconscientemente, a sua repulsa em colaborar na organização geral do proletariado.

Eis pois, camaradas, os factores que mais poderosamente influíram para as deficiências apontadas, acrescentando ainda um outro não menos importante que quasi sempre coloca em sérios embargos a Comissão Administrativa, e que é a grande falta de camaradas com as indispensáveis qualidades de trabalho para o bom desempenho da sua missão dentro dum órgão com a importância que deve ter a U. O. N. Era um obstáculo facilmente removível se os sindicatos fossem mais escrupulosos na escolha dos seus delegados ao Conselho Central, tendo, assim, numa mais alta consideração, o papel a desempenhar na vida económica e social pela Central dos Sindicatos Portugueses.

Exposto o que acima fica, entremos no relato dos factos mais importantes da vida desta Secção.

A adesão de sindicatos — O primeiro movimento contra a carestia da vida

Como fôra deliberado pelo Congresso de Tomar, foi nomeada a Comissão Administrativa da 2.ª secção da U. O. N., a qual teve a sua primeira sessão oficial em 24 de Agosto de 1914, tomando desde logo deliberações tendentes ao desenvolvimento do novo organismo, tornando-o conhecido do operariado da provincia, para onde foram enviadas circulares convidando todos os sindicatos a darem a sua adesão. Na mesma reunião foram registadas as adesões de vários organismos profissionais, bem como se tomou conhecimento da missão do secretário geral junto de diversas classes do Porto, onde foi esclarecida a sobre a estrutura e missão da União, do que não tardou a sentir-se os bons efeitos, pois que parte dessas colectividades deram ingresso na U. O. N. Tratou-se também de estabelecer relações com algumas colectividades da provincia, em especial com aquelas que tinham colaborado nos trabalhos do Congresso de Tomar. A circular de que atraz falamos, levava a data de Novembro e teve um apreciável êxito, pois que desde logo um grande número de associações, tanto da provincia como do Porto, nomearam os seus delegados ao Conselho Secçãoal, que começou a animar-se com a presença de grande número dos mesmos delegados.

Como nesta ocasião existisse uma *Comissão contra a carestia da vida*, pertencente à extinta Federação das Associações Operárias do Porto, a mesma comissão solicitou a coadjuvação desta União para o alargamento do movimento em vista, o qual, por deliberação do C. C., reunido em 25 de Novembro, foi resolvido estender a toda a Zona Norte tal movimento, sendo nessa altura enviada uma circular para os sindicatos da provincia e pondo esta secção em contacto com a 1.ª secção para que o movimento fosse nacional. Para o efeito deste movimento, foram enviados delegados a várias terras do Norte, onde se promoveram comícios e sessões de propaganda de carácter associativo e contra a carestia dos generos de primeira necessidade, o que se fez, entre outras localidades, em Viana, Guimarães, Braga, Póvoa, etc.

Os decretos acerca do horario de trabalho

A 8 de Fevereiro de 1915, foram largamente apreciados os decretos que regulamentavam os horarios de trabalho na Industria e no Comercio e entendeu esta secção de capital importancia orientar as classes interessadas para que não caíssem nos logros a que tais diplomas capciosamente davam margem, e a falta de outros recursos de publicidade fez-se publicar em todos os diários do Porto as seguintes notas officiosas: — «A U. O. N. (2.ª secção), depois de apreciar a lei n.º 296 (horario de 10 horas de trabalho para as Indústrias) constata que essa lei, além de conter evidentes imperfeições e erros, em face da variedade que existe nas condições específicas de cada industria em particular, representa um entrave às modernas reivindicações, na diminuição do horario de trabalho e um motivo para que caduquem horarios inferiores ao de 10 horas, já existentes em várias indústrias; chama a atenção das Associações profissionais para aqueles decretos, algo prejudiciais para os assalariados, lembrando-lhes, ainda que a aspiração imediata da classe operária, desde ha muito proclamada, é a conquista da jornada de 8 horas de trabalho.»

Uma outra nota officiosa, que diz respeito aos empregados do com. rcio, é do teor seguinte: «Esta União, apreciando a lei n.º 295 (horario para os empregados do commercio), constata que essa lei, nos paragrafos 1.º e 2.º do seu art. 3.º, garante aos patrões o direito de forçar aqueles assalariados a trabalhar em vez de 10, 15 horas, embora não seja todos os dias, e sendo certo que aquela garantia patronal pôde tornar-se efectiva pela não execução da lei referida; convida as Associações dos Empregados no Comercio da Região do Norte a exercer uma pressão eficaz nas câmaras municipais, no sentido de nos regulamentar, que aquelas entidades não se obrigadas a elaborar pelo disposto na lei, fique bem assente que o horario deve ser apenas de 10 horas, não esquecendo todavia que a aspiração de toda a classe operária é a conquista do dia normal de 8 horas de trabalho.»

Destes documentos foi dado conhecimento à 1.ª secção da U. O. N. bem como assim à Federação dos Caixeiros Portugueses (Zona Norte).

A manifestação do 1.º de Maio de 1915

Em 1 de Março foi apreciada pelo C. C. uma circular dimanada da *União Operária 1.º de Maio*, convidando esta secção a tomar parte nos trabalhos para a comemoração da data revolucionária *Primeiro de Maio*; entendendo esta secção do seu dever colocar-se na posição que lhe competia como representante do operariado e sua organização, fez publicar a seguinte moção: «Considerando que a manifestação do 1.º de Maio é fundamentalmente operária e de carácter internacional; Considerando que esta manifestação deve ser feita apenas por colectividades profissionais, operárias e não juntamente com centros de carácter politico ou mesmo cooperativista; Considerando que sendo esta manifestação de carácter geral e operário, devendo ser o mais possível uniforme em todo o país e conforme com os interesses e aspirações das classes operárias; Considerando que mais nenhuma, nova ou antiga instituição, tenha embora o titulo de *operária*, deve chamar a si manifestações que só devem ser feitas pelas Unões Locais ou pelo organismo nacional; Esta assembleia resolve não reconhecer como simplesmente operária a *União Operária 1.º de Maio*, reconhecendo, contudo, que desse organismo fazem parte algumas associações de classe, e mais resolve participar esta resolução à secção do Sul (Lisboa), pedindo-lhe a sua opinião sobre o modo como entende que a U. O. N. deve proceder no proximo dia 1.º de Maio.»

Nesta mesma reunião foi deliberado que a Comissão Administrativa elaborasse um parecer sobre um plano de propaganda associativa na provincia, satisfazendo, deste modo, os n.ºs 1, 2 e 3 da alinea (a) do art. 1.º das Teses de Organização.

A propaganda contra o viver caro e difícil

Em 8 de Março, foi enviado a Guimarães um delegado afim de tomar parte numa manifestação de protesto contra a carestia da vida, promovida pela Federação Operária local e em 15 do mesmo mês foi enviado outro a Braga para tomar parte num comício para o mesmo fim, missão estas desempenhadas respectivamente, pelos camaradas Manoel Joaquim de Sousa e Maciel Barbosa.

A defesa do horario de trabalho

Em 22 de Fevereiro tomou-se conhecimento de que os mestres da Construção Civil da Figueira da Foz, tinham fugido ao compromisso entre operários e patrões estabelecido para adoção do horario de trabalho de 8 horas no inverno e 10 no verão, sendo resolvido, a convite da Associação dos Carpinteiros Civis daquela localidade, enviar um delegado para de perto tratar do assunto. Desempenhou-se dessa missão o camarada Manoel Joaquim de Sousa que após o seu relatório se constatou a satisfação completa dos desejos dos camaradas fi-gueirenses.

Na reunião do C. C. de 5 de Abril é aprovado o parecer da Comissão Administrativa no qual se estabelece um largo plano de propaganda e organização na provincia, isto é, nos 8 distritos compreendidos como esfera social desta secção, sendo também nomeada uma sub-comissão para coadjuvar a Comissão Administrativa na perfeita execução deste parecer.

A attitude da 2.ª secção perante o Congresso de Ferrol

Em reunião extraordinária do C. C. foi tomado conhecimento duma circular dimanada da Juventude Sindicalista de Ferrol, Espanha, na qual convidava esta Secção a tomar parte num congresso Internacional Pró-Paz, para cujo congresso eram convidadas todas as agrupações de carácter social e anti-guerristas, resolvendo-se aderir e sendo nomeado delegado o camarada Manoel Joaquim de Sousa, que, no momento oportuno, apresentou o seu relatório, publicado em folheto e distribuido por todas as colectividades operárias do país. Para se ocorrer às despesas com essa delegação, lançou-se uma contribuição voluntária por todas as associações da Região.

A carestia da vida e as 8 horas

Esta Secção toma parte num comício contra a carestia da vida, na Figueira da Foz, por intermédio de Maciel Barbosa e Manoel J. de Sousa. Este comício que foi duma importancia extraordinária realizou-se em Maio.

Durante o mês de Julho efectuaram-se sessões de propaganda pró-3 horas nas sedes dos Ourives de Prata e Pintores Portugueses, classes estas que se preparavam para formular a respectiva reclamação.

Em Agosto regista-se a agitação que lavrava entre diversas classes, por motivo da regulamentação do horario de trabalho, mas em especial nas classes dos alfaiates da Póvoa e costureiras e alfaiates do Porto, para o estabelecimento do dia de 10 horas. Prestou esta União todo o auxilio moral a essas classes, do que resultou a prisão de alguns camaradas no Porto.

Também neste mês começaram a esboçar-se os primeiros pronunciamentos de agitação das classes da construção civil do Porto e arredores para a conquista do dia de 8 horas, acompanhando esta Secção de perto todos os trabalhos desta numerosa classe que foi obrigada, mais tarde, a declarar a greve parcial, por especialidade, respondendo a este método de luta, os mestres, com o encerramento das obras e oficinas, pelo que a classe em luta, se viu forçada a lutar durante sete semanas. A U. O. N. (2.ª Secção), a fim de prestar a solidariedade que estes camaradas careciam, tentou um movimento geral no Porto e arredores, mas que não deu o resultado desejado, pela falta de preparação de muitas classes que não vieram à rua, pelo que os construtores civis tiveram que se render.

A unificação do operariado de Coimbra e a criação de novos organismos

Depois, foram iniciados os primeiros trabalhos para a unificação das classes organizadas de Coimbra, onde existiam dois organismos federativos, a União Geral dos Trabalhadores e a Federação das Associações Operárias. De tal sorte se conduziram esses trabalhos e tal foi a boa vontade que encontramos nesses organismos, que não levou muito tempo que podessemos registar a unificação dentro dum só corpo federativo que ficou constituído com o titulo de *União dos Sindicatos Operários de Coimbra*.

Ao mesmo tempo que se realizava a unificação em Coimbra, iniciava também esta Secção a criação das Unões de Sindicatos em Braga e Póvoa de Varzim, tratando estes, à excepção de Braga, que foram coroados do melhor êxito.

Em 15 de Agosto, promoveu-se em S. Pedro da Cova uma sessão de propaganda associativa, como inicio dos trabalhos para a fundação do Sindicato Mineiro. Nesta sessão tomaram parte M. Joaquim de Sousa, António R. Santos, Maciel Barbosa, José Alves e Alves da Silva.

Auxílio a classes em luta ou agitação

Em face da agitação dos operários tecelões mecânicos do Porto, para reivindicarem o dia de 8 horas, esta União presta-lhes todo o auxilio, coadjuvando a respectiva Associação em várias sessões de propaganda, tomando também parte em várias sessões de propaganda na sede dos Fabricantes de Seda, tendo como principal objectivo, também a regulamentação do horario de trabalho.

No mês de Setembro a União occupou-se do estado miserável em que se encontram os operários textéis de Pevidem, Guimarães, resolvendo, de accordo com a Associação dos Tecelões Mecânicos do Porto, prestar todo o auxilio aqúelles camaradas.

A convite da comissão pró-presos por questões sociais, a União tomou parte numa importante reunião, por intermédio de três delegados. A União ainda tomou parte em várias reuniões de propaganda pró-regulamentação do horario, na sede da Associação dos Officiais Barbeiros e Cabeleiros do Porto.

A convite da Associação da Construção Civil de Fátima, foi enviado um delegado aqúella localidade para tomar parte numa sessão de propaganda associativa.

Os mineiros de S. Pedro da Cova

A 26 de Setembro foi inaugurada solenemente a Associação dos Mineiros e Anexos de S. Pedro da Cova (Gondomar), e onde esta União, sua fundadora, tomou parte por delegados directos. Antes deste facto tinha terminado uma greve nas minas, provocada pelas constantes perseguições exercidas pelas empresas mineiras, contra os principais membros da Comissão Administrativa do Sindicato, movimento que terminou com uma estrondosa vitória. Esta União prestou-lhe todo o auxilio, ao ponto de ser nomeado um delegado para junto dos grevistas, a fim de ser mais eficaz a solidariedade a prestar por esta Secção.

O movimento nacional contra a carestia da vida

Em Outubro, a esta Secção chegaram informes da 1.ª Secção, de que estava em projecto um largo plano para um movimento nacional para atingir as seguintes reclamações: Libertação dos presos por questões sociais, horario de trabalho e barateamento do custo da vida, e fazendo saber estar em correspondência permanente com esta Secção para se atingir a maior uniformidade de trabalhos para o bom êxito de tal importante movimento, comunicando ao mesmo tempo a vinda ao Norte de dois delegados em missão de propaganda e preparação das classes operárias da provincia para o citado movimento nacional.

Escusado será salientar que esta União não só estabeleceu correspondência com a 1.ª Secção mas também coadjuvou aqúelle organismo na preparação do movimento no Norte, sendo resolvido nomear um delegado para acompanhar os delegados do Sul na sua missão de propaganda pelo Norte, a fim de evitar qualquer desencontro na orientação a adoptar na propaganda.

Prisão de membros da União, por causa da greve dos mineiros

Foi constituída na Póvoa de Varzim, por influencia desta União, a Associação dos Operários Metalúrgicos.

Em Novembro declararam-se em greve os mineiros de S. Pedro da Cova, a fim de conquistarem algumas regalias de carácter moral e material, pelo que esta União lhe dispôs desde logo todo o auxilio, enviando ali delegados. Em 9 de este mês, quando ali se encontrava uma missão desta União, composta pelos camaradas Maciel Barbosa e José Alves, foram presos conjuntamente com dois camaradas do Porto e alguns operários mineiros, às ordens do administrador de Gondomar. Estes camaradas que outra crime não tinham cometido a não ser o oferecerem a sua solidariedade aqúelles camaradas em luta foram depois conduzidos, sob uma forte escolta, para o Aljube do Porto a onde estiveram perto de 8 dias e que mais tempo não sofreram as agruras da prisão por motivo de ter terminado a greve mineira com vitória para os operários.

A comissão administrativa recebeu os delegados da 1.ª secção, Jerónimo de Sousa e Francisco Aparício, que andam em missão de propaganda como atrás fica dito, sendo nomeado como delegado da 2.ª secção, o camarada M. J. de Sousa, para os acompanhar pelo norte.

Em 24 de Novembro a União toma conhecimento que em Pevidem se dão acontecimentos anormais com os grevistas textéis das margens do Areque ao dirigirem-se em massa ao administrador de Guimarães a fim de lhe pedir a sua interferência para a solução da sua greve são recebidos a tiro pela guarda republicana de que resultou a morte de um trabalhador. Sendo nesta altura preso o delegado dos tecelões mecânicos do Porto, Francisco de Pinho que ali tinha ido em missão especial e que dias depois é restituído a liberdade.

Esta União protestou energicamente contra estas violências, enviando à primeira secção um telegrama para que aqúelle organismo proteste junto do ministro do interior bem como prestar todo o auxilio aos grevistas resolvendo-se enviar um delegado a Pevidem.

Em Maio tomou-se conhecimento do relatório do delegado que prestou os serviços de que careciam os camaradas mineiros de S. Pedro da Cova durante a sua greve de Março a qual resultou mais uma vitória a juntar às anteriormente ganhas.

A Conferência Operária Nacional de 1917

Em Abril são nomeados os delegados desta Secção à Conferência Nacional Operária (região do Sul) os camaradas Manoel Joaquim de Sousa, Delfim da Silva e Lourenço da Costa Peixoto. E a 6 e 7 de Maio realiza-se no Porto a Conferência Operária da Região do Norte a que assistem, além de grande número de delegados da provincia, os camaradas Manoel da Conceição Afonso e Alexandre Vieira como delegados da Conferência do Sul.

Após a realização desta magna Assembleia regional foi deliberado enviar

uma circular a todos os sindicatos do Porto e da Provincia que se fizeram representar na conferencia e na qual votaram as teses ali discutidas, convidando-os a darem ingresso no seio da U. O. N., marcando a reunião do C. C. para o dia 16 de Julho. Os resultados, se não foram de todo satisfatórios visto que grande numero de sindicatos, nem sequer responderam à mencionada circular, algum resultado deu, visto que aqúella reunião compareceu grande número de associações.

A unificação do proletariado portuense

A convite desta União, reunem-se na sede no dia 15 de Maio, 30 associações do Porto e arredores afim de resolverem sobre a unificação no Porto ficando resolvido por uma grande maioria, visto que apenas umas 4 associações discordaram, fundar a União dos Sindicatos Operários do Porto, deixando de existir, portanto a Federação das Associações Operárias e postas de parte todas as intenções que pudessem surgir, de fazer reaparecer a antiga União Geral dos Trabalhadores da Região do Norte.

A greve telegrafo postal

Em Setembro, esta União é convidada pela 1.ª secção a prestar todo o auxilio aos Empregados Telegrafo-postaes em greve, sendo para esse efeito delegado no camarada Manoel Joaquim de Sousa toda a solidariedade a prestar aqúelles camaradas, o qual foi preso na volta de uma missão especial ao Norte, recolhendo ao Aljube de onde saíu em liberdade quando o movimento terminou.

Neste mês verifica-se nova greve de mineiros que abortiu por completo devido às violências das autoridades que foram desde as prisões de camaradas mais activos até ao encerramento da Associação.

Para se obter a reabertura da mesma colectividade uma comissão do Conselho Central avista-se com o chefe do distrito, o que não conseguiu, mas sim por intermédio da 1.ª secção que obteve do ministro do Interior essa concessão.

Um inquérito económico — O operariado de Póvoa em greve

Em Dezembro é resolvido fazer um inquérito à vida económica de cada localidade, enviando-se para esse efeito uma circular-questionário a qual foi expedida em 1 de Fevereiro mas que foram nulos os seus resultados visto serem poucas as associações que a ela responderam.

Tendo-se declarado em greve geral o operariado da Póvoa para obterem aumento de salário, foi imediatamente enviado como delegado, o camarada António da Costa Carvalho, cujo relatório constata uma retumbante vitória daquelles camaradas.

E' lido o parecer da comissão revisora de contas da comissão administrativa, nomeada na sessão de Julho, cujo documento, já publicado no *Movimento Operário*, n.º 8, se verifica que a receita desde o inicio desta secção é de 260\$32 e a despesa de Esc. 256\$31,5, dando um saldo de 400\$5. Este parecer foi aprovado por unanimidade.

Durante o anno de 1918 pouco ha a registar de importante, visto que toda a acção desta secção se limitou à organização do movimento nacional contra a carestia da vida, dentro da zona que lhe diz respeito, bem como no envio de grande numero de missões de propaganda à provincia. E como deste movimento existe um circunstanciado relatório, aprovado em Conselho Central, inutil será relatá-lo novamente.

Em Julho tomou-se conhecimento da fundação da Associação dos Trabalhadores de Louzã; tomando esta Secção parte, por um delegado directo, na sua sessão inaugural.

A perseguição à organização — A sua reorganização após o movimento monárquico

Devemos salientar que a sede desta Secção, após o fracasso da greve de Novembro, conservou-se encerrada por motivo dos perigos que a liberdade e a vida de todos os seus componentes mais conhecidos, corriam, em face do ambiente de oppressão que nesse momento se respirava, esperando-se no entanto que a situação se modificasse um pouco para se retomar o lugar de acção que nos era enherente; o que de facto succedeu com o triunfo da Revolução Republicana de 13 de Fevereiro.

Então, revigoradas todas as energias e confiantes que as poucas liberdades até ali suspensas, novamente seriam disfrutadas por todos aqueles que sentiam ardentemente a necessidade de agir em proveito da Organização e consequentemente em beneficio da emancipação proletária, a primeira preocupação da Comissão Administrativa reunida a 17 de Fevereiro pela primeira vez, após a consumação dos factos acima descritos, foi reorganizar todos os serviços a esta secção adestrados, registando na sua acta a volta à liberdade dos operários mineiros de S. Pedro da Cova que em numero de cerca de 28, se encontravam, sem julgamento, encarcerados na Cadeia da Relação, desde Janeiro de 1918, acusados de tomarem parte nos assaltos a estabelecimentos e propriedades agrárias durante o chamado movimento de *desembarra*. Sobre este facto tratou logo a mesma comissão de tratar de legalizar o acto, visto que a sua libertação foi adquirida à mão armada pelo proletariado do Porto, que tinha dado o seu esforço em beneficio da replantação do actual regime.

Assim como, imediatamente se tratou de restabelecer as relações com os organismos da provincia, para cujo efeito se expediu uma circular convidando-os, aqúelles que eram adherentes a rectificarem a sua adesão e os restantes a darem ingresso na U. O. N. cujos resultados desde logo se fizeram sentir visto que não foi pequeno o numero de corporações profissionais que se apressaram a comunicar a sua adesão à 2.ª Secção da Central dos Sindicatos, facto que muito retemperou o animo e o entusiasmo dos membros da Comissão Administrativa para novos empreendimentos, como sejam a constituição dos Unões Locais de Aveiro e Vizeu para onde foram enviados officios convidando os organismos profissionais locais a darem inicio aqúelles trabalhos. A breve trecho, tivemos a boa nova da constituição da União Local de Aveiro que muito nos alegrou pelas provas de boa orientação que nos deram, visto que a sua acção desde logo se fez sentir; como a constituição de um novo sindicato naquela cidade, e bem assim a publicação do periodico, seu órgão, *A Terra*.

A fundação da União dos Sindicatos Operários de Gaia

Foi também importante o auxilio prestado por esta Secção ao pessoal da Fábrica manufactora de linhas de Cravel-Gaia que se declarou em greve para obtenção de um aumento de salário, cujo movimento, foi de tal sorte orientado pelos nossos delegados que redundou numa completa vitória, facto este que se proporcionou admiravelmente para a criação do Sindicato Profissional das Artes Textis de Gaia cuja inauguração se fez em 7 de Setembro, aonde esta União se fez representar por dois delegados que foram os camaradas Manoel Pereira Braga e António Rodrigues dos Santos, orientadores daquela greve.

Estes factos tiveram tal repercussão no animo dos Sindicatos de Gaia que não foi difficil levar a bom termo a fundação da União dos Sindicatos desta vila, iniciados e guiados os seus trabalhos por algum tempo por delegados desta Secção, cuja organização dia a dia mais se rebustece, no que muita esperança temos para o desenvolvimento da organização sindical daquela villa ribeirinha.

A questão dos mineiros de S. Pedro da Cova e o auxilio da U. O. N.

Um outro facto que é conveniente aqui deixar registado, por que tirou muito tempo a esta Secção e que acarretou com algumas despesas e até a data sem resultado satisfatorio é o caso de que nos foi requisitado pelo Sindicato Mineiro de S. Pedro da Cova o auxilio para fazer prevalecer aqúella classe, o direito de auferirem o mesmo salário que tinham com o horario de 12 horas (em vigor desde o fracasso da greve de Setembro de 1917, pois que o horario, segundo a lei era de 8 horas) com a replantação do dia de 8 horas, pelos mesmos exigido em 2 de Maio a que as respectivas empresas capciosamente se furtaram; e que logo esta Secção, por intermédio de vários delegados, encarrelmou o assunto da maneira que mais se lhes antolheu como mais viável, não dando, ainda como acima fica dito, os resultados desejados, concorrendo para a sua não solução o facto de uma corrente não pequena do pessoal das minas não mostrar o necessário espirito de resistência nem a disposição de fazer vingar a pretensão do seu sindicato, o que sem tais qualidades é facil fazer triunfar uma causa.

Tentando levantar o moral desta classe foram algumas vezes delegados a regiões mineiras aonde tiveram várias conferencias com aqúelles operários e aonde se realizou uma sessão de propaganda na respectiva sede aonde falaram António Teixeira e António dos Santos.

Encerrando este já longo Relatório temos a lembrar que esse muitos outros factos esta Secção interveio como era seu dever, mas como nos é impossivel lembrar os seus promotores por falta de documentação, entendemos não mascar o Congresso com relatos feitos por cálculo e que poderiam pecar pela carencia da sua veracidade.

E sendo assim, é desejo ardente desta Secção da União Operária Nacional, que julga ter contribuido no possível da sua força e intelligência para o desenvolvimento da Organização Proletária Portuguesa, que desta magna Assembleia Nacional do Operariado Organizado surja uma mais forte coesão de energias e uma mais forte consciência colectiva para que a batalha emancipadora que se vem travando contra a exploração capitalista tenha em breve o seu termo, com o advento de uma organização social mais racional aonde imperie como única autoridade — a Solidariedade Humana.

Porto, 10 de Setembro de 1919.